

Bebés de Água

Fomos todos bebés de água, eu e os meus três irmãos. O nosso pai, que foi campeão de natação (venceu a prova das 15 milhas marítimas ao largo da Ilha de Wight três anos consecutivos) e que adorava nadar mais do que tudo, levou-nos para a água ainda não tínhamos uma semana de vida. Nessa idade, nadar é algo perfeitamente instintivo, pelo que, para todos os efeitos, nunca “aprendemos” a nadar.

Fui recordado disso quando visitei as Ilhas Carolinas, na Micronésia, onde até vi bebés mergulharem sem medo em lagoas e nadarem, previsivelmente, “à cão”. Lá todos nadam, ninguém “não sabe” nadar e a capacidade de natação dos habitantes das ilhas é impressionante. Fernão de Magalhães e outros navegadores que chegaram à Micronésia no século XVI ficaram estupefactos com essa aptidão e, ao verem os ilhéus a nadar e a mergulhar, saltando de onda em onda, não puderam deixar de os comparar a golfinhos. As crianças, em particular, estavam tão à vontade na água que, nas palavras de um descobridor, “mais pareciam peixes do que seres humanos”. (Foi com os Ilhéus do Pacífico que, no início do século XX, nós, Ocidentais, aprendemos o *crawl*, esse belo e poderoso estilo oceânico que eles tinham aperfeiçoado — tão melhor e tão mais adequado à forma humana do que o nadar de bruços, estilo rã, maioritariamente praticado até então.)

Não me recordo de me terem ensinado a nadar; creio que aprendi as minhas braçadas nadando com o meu pai — embora a braçada lenta, calculada e de grande alcance que ele tinha (era um homem robusto que pesava quase 115 quilos) não fosse totalmente adequada

a um menino. Mas eu via a maneira como o meu pai, enorme e pesado em terra, se transformava — gracioso qual toninha — uma vez dentro de água; e eu, inibido, nervoso e também algo desajeitado, encontrei essa mesma transformação maravilhosa em mim, um novo eu, um novo modelo de ser, dentro de água. Tenho uma recordação vívida de umas férias de verão na costa inglesa, no mês imediato ao meu 15.º aniversário, em que entrei a correr no quarto dos meus pais e puxei pelo corpo gigantesco do meu pai. “Vamos, pai!”, disse-lhe. “Vamos nadar.” Ele virou-se lentamente e abriu um olho. “Mas o que é isto, acordares assim um velho de 43 anos às seis da matina?” Agora que o meu pai já faleceu e tenho quase o dobro da idade que ele tinha então, essa recordação tão distante toca-me no coração e tanto me faz rir como chorar.

A adolescência foi um período complicado. Desenvolvi uma doença de pele estranha: “*erythema annulare centrifugum*”, disse um especialista; “*erythema gyratum perstans*”, proferiu outro — palavras caras, sonantes e pomposas, mas nenhum dos especialistas conseguiu fazer alguma coisa, pelo que eu andava coberto de fístulas segregadoras. Com o aspeto de, ou pelo menos sentindo-me, um leproso, não me atrevia a despir-me numa praia ou piscina, e somente em raras ocasiões, com muita sorte, encontrava uma lagoa ou um lago remotos.

Em Oxford, a minha pele ficou subitamente sarada, e a sensação de alívio era tão intensa que me apetecia nadar nu, sentir a água passar-me por todo o corpo sem qualquer impedimento. Às vezes ia nadar em Parson’s Pleasure, uma curva do rio Cherwell, uma reserva nudista desde os anos 80 do século xvii, ou mais antiga ainda, que parecia povoada pelos fantasmas de Swinburne e de Clough. Nas tardes de verão, metia-me num bote no Cherwell, procurava um local resguardado para o atracar e depois passava o resto do dia a nadar tranquilamente. Às vezes, à noite, fazia longas corridas no caminho junto ao Ísis, para lá de Iffley Lock, muito além dos confins da cidade. Depois mergulhava e nadava no rio, até parecer que fluíamos juntos, tornando-nos um só.

Nadar passou a ser uma paixão dominante em Oxford e depois disso não havia como voltar atrás. Quando vim para Nova Iorque, em meados dos anos 60, comecei a nadar em Orchard Beach, no Bronx, e às vezes fazia o circuito de City Island — um percurso que

me levava várias horas. Aliás, foi assim que encontrei a casa onde morei durante 20 anos: tinha parado mais ou menos a meio do percurso, para admirar um bonito gazebo à beira do rio, saí da água e subi calmamente a rua, vi uma casinha vermelha à venda, que me foi mostrada (comigo ainda a pingar) pelos proprietários boquiabertos, em seguida fui a pé até ao escritório da agente imobiliária e convenci-a do meu interesse (não estava acostumada a clientes em calções de banho), voltei a entrar na água no outro lado da ilha e regresssei a nado a Orchard Beach, tendo comprado uma casa a meio do percurso.

Preferia nadar no exterior — naquela altura era mais imune ao frio —, entre abril e o fim de novembro, mas no inverno nadava na YMCA¹ local. Em 1976-77, fui nomeado Melhor Nadador de Longa Distância da YMCA de Mount Vernon, em Westchester: nadei 500 voltas — cerca de 11 quilómetros — no concurso e teria continuado, mas os juízes disseram-me: “Já chega! Vai para casa, por favor.”

Seria de esperar que 500 voltas fossem monótonas, entediantes, mas nunca achei a natação monótona ou entediante. Nadar causa-me alegria, uma sensação de bem-estar tão extrema que às vezes mais parece uma espécie de êxtase. Há um envolvimento total no ato de nadar, em cada braçada, e ao mesmo tempo a mente pode divagar, como se estivesse enfeitiçada, numa espécie de transe. Nunca conheci nada tão poderoso, tão saudavelmente euforizante — e estou viciado, fico irritado quando não posso nadar.

Duns Scotus, no século XIII, falou sobre “*condelectari sibi*”, a vontade encontrando prazer no seu próprio exercício; e Mihaly Csikszentmihalyi, no nosso tempo, fala sobre “o fluir”. Há uma equidade essencial na natação, como acontece em todas as atividades fluidas e, digamos, *musicais*. E há também a maravilha da fluidez, de estarmos suspensos nesse meio denso e transparente que nos sustém e envolve. É possível mexermos-nos dentro de água, brincar com ela, de uma maneira que é impossível reproduzir no ar. Podemos explorar as suas dinâmicas, de várias maneiras; podemos mexer as mãos como se fossem hélices ou direcioná-las como se fossem pequenos lemes; a nossa mão pode tornar-se um

1 Young Men's Christian Association (Associação Cristã da Mocidade). (N. T.)

pequeno hidroplano ou submarino, investigando a física do fluir com o nosso próprio corpo.

E, além disso, há todo o simbolismo da natação — as suas ressonâncias imaginativas, os seus potenciais míticos.

O meu pai chamava à natação “o elixir da vida”, e assim pareceu ser para ele: nadou todos os dias, apenas reduzindo ligeiramente esse ritmo com o passar dos anos, até à idade fantástica de 94 anos. Espero poder seguir-lhe as braçadas e nadar até morrer.

Recordando South Kensington

Desde que me lembro que adoro museus. Têm tido um papel importante na minha vida, estimulando a imaginação e mostrando-me a ordem do mundo num formato vívido e concreto, mas um formato organizado, em miniatura. Adoro jardins botânicos e zoológicos precisamente pelos mesmos motivos: mostram-nos a natureza, mas uma natureza classificada, a taxonomia da vida. Os livros não são reais nesse sentido; são apenas palavras. Os museus proporcionam-nos disposições do real, modelos da natureza.

Os quatro grandes museus de South Kensington — todos localizados no mesmo terreno e todos construídos no mesmo estilo barroco vitoriano — foram concebidos como uma unidade única com várias expressões, uma maneira de tornar a história natural, a ciência e o estudo das culturas humanas públicos e acessíveis a todos.

Os museus de South Ken (juntamente com a Royal Institution e as suas famosas Conferências de Natal) eram uma instituição educacional vitoriana única e aos meus olhos continuam a representar, tal como acontecia na minha infância, a essência da museologia.

Havia o Museu de História Natural, o Museu Geológico, o Museu da Ciência e o Museu Victoria & Albert, dedicado à história cultural. Eu era dado às ciências, pelo que nunca fui ao V&A, mas encarava os outros três como um único museu e visitava-os constantemente, nas minhas tardes livres, aos fins de semana e nas férias, sempre que podia. Ficava ressentido por não poder entrar quando estavam fechados e uma noite arquitetei um plano para ficar no Museu de História Natural, escondendo-me à hora do encerramento na Galeria